

A LEGITIMIDADE DA DESIGNAÇÃO DE GALEGO-PORTUGUÊS

RESPOSTA A MARÍA XOSÉ QUEIZÁN

A Nosa Terra 785, 3 Julho 1997, p. 27

JOAQUIM REIS

Um amigo meu da Galiza enviou-me fotocópia de um artigo publicado n'A Nosa Terra de 1.5.97 com o título "A Falácia do Galego-português", da autoria de Maria Xosé Queizán. Esta senhora pretende que não é legítimo chamar galegoportuguês à nossa língua comum, mas deve-se-lhe chamar simplesmente galego. Assim, segundo ela, em Portugal fala-se galego, como no Brasil, em Angola, etc. Parte do preconceito, muito arraigado na Galiza, de que o português deriva do galego, ou de que o galego se expandiu da Galiza para o sul durante a Reconquista, pondo a falar gente muda, isto é, sem língua, ou os mouros submetidos, aparentemente os únicos habitantes que existiam nos territórios do sul, ocupados por eles havia 400 anos. Sem me alongar em citações e transcrições de autores reputados, apenas digo que essa noção antiga está ultrapassada e que o douto padre Sarmiento, que certamente é o responsável por tal preconceito na Galiza, deve ser corrigido e atualizado.

A romanização da faixa ocidental da Península Ibérica fez-se do Sul para o Norte. Quando a Galiza (Gallaecia) foi conquistada pelos romanos, já a Lusitania ao sul estava romanizada havia uns cem anos. E mesmo depois da ser conquistada a Galiza, a romanização deste território não era profunda ainda quando veio a ocupação sueva. Logo, o latim popular, que se tornaria a futura língua neo-latina da faixa ocidental, veio do Sul. Esta língua foi sempre falada extensivamente desde o Algarve ao Cantábrico e para lá das actuais fronteiras orientais da Galiza e de Portugal, sendo no século X bem mais importante que o incipiente castelhano.

Quando se deu a invasão moura, essa língua latina da faixa ocidental ibérica não desapareceu, mas continuou a ser falada em toda a extensão do território. Repare-se que o latim era ainda uma língua muito prestigiosa que assimilara totalmente a língua dos invasores germanicos. Logo, como poderia perder-se sob o domínio dos árabes-berberes, se estes, como se sabe, eram relativamente tolerantes quer quanto a cultura, quer mesmo quanto a religião? Sabe-se hoje que

‘A noção de “auto-ódio” dos portugueses em relação a Galiza é puro disparate, e não passa de projecção sobre os portugueses de um mal psíquico galego”

a língua latina nunca desapareceu nos territórios sob o domínio mouro. (Compare-se o que sucedeu ao galego sob o domínio multissecular do castelhano, língua imposta, muito mais perigosa para o galego por ser semelhante a ele).

A língua tomou o nome de galego na Galiza, tomou depois o nome de português em Portugal (nunca tomara a designação de luso ou lusitano). Sob os mouros, designam-na os historiadores por moçárabe, mas não era árabe com certeza. Seja qual for o nome da língua, ela é uma só e originou-se do latim. O nome de português em Portugal para a nossa língua é tão, ou tão pouco, político, como o nome de galego na Galiza. Galiza é o nome de uma nacionalidade e foi-o de um reino e agora é o de uma região autónoma. Essa noção de “auto-ódio” dos portugueses em relação a Galiza é puro disparate, e não passa de projecção sobre os portugueses de um mal psíquico galego. Os portugueses, de um modo geral, até mesmo muitas vezes quando tem formação universitária, julgam que a Galiza é Espanha e que lá se fala o espanhol. E não admira que assim julguem, pois indo a Galiza pouco vem e ouvem que lhes diga o contrário. Os portugueses não sabem falar castelhano e, mesmo ouvindo o galego, tão corrompido como está foneticamente, julgam que ouvem o espanhol. E como gostam de ser simpáticos para com os estrangeiros (os Portugueses são um dos povos mais xenófilos que se poderão encontrar neste mundo), procuram falar o espanhol para o que lhes basta trocarem o -ao pelo -ión e pouco mais. Creio que esta situação geral de ignorância relativamente à língua galega e a sua identidade com o português, está ou tende a desaparecer. Estive recentemente em Baiona, onde encontrei vários turistas portugueses e notei que eles falavam o português normal para os galegos.

Mas, voltando à vaca fria, tenhamos por certo que a língua se chama galego na Galiza e português em Portugal e nos países lusófonos do Ultramar, e que é legítimo chamar-lhe, a falta de melhor designação, “galego-português”, se quisermos englobar todo o conjunto dos povos que

a usam. Ou português, o que é o mesmo.

Curioso é que a autora do artigo conclua que o português é o galego culto, o que se pode aceitar perfeitamente. Sendo o galego e o português a mesma língua, a verdade é que o galego, por razões sobejamente conhecidas, não pode cultivar-se, enquanto o português o pode fazer, dadas as condições de liberdade em que se desenvolveu. Logo, podemos dizer sem falsear a verdade que de facto o português é o galego culto. Só não compreendo por que razão Maria José Queizán não escreveu o seu artigo no galego culto, mas utilizou o galego inculto. Porque? Porque é inculta? Não é certamente esse o caso. Possivelmente a razão por que a autora do artigo não usou o galego culto é que teme a repressão castelhana ou castelhanizante. E conclui: “*Proclamar que o galego é a língua de milhões de pessoas em vários continentes, com cultura e literatura importantíssimas e unirmo-nos a elas, falando como falamos*”. Aqui, a frase parece-me incompleta, talvez devido a simples gralha, mas percebe-se o que se quer dizer. “*O governo da Galiza tem a obrigação de publicá-lo, de difundir-lo nos países onde se use, e de normalizar a situação*”. Também se percebe o significado desta frase. Imagine-se que a Xunta castelhanizante, para saír da situação difícil em que se encontra com a contestação a norma oficial do ‘galhego’, resolve salvar a face, e anuncia que renunciará ao seu ‘galhego’, adoptando a norma portuguesa, se... todos os países de língua oficial portuguesa se comprometerem a declarar que vão oficialmente mudar a designação da língua para “galego”, pois este é que é o nome autêntico! Imagine-se!

Caros galegos, conacionais nossos na língua que quereis nobremente restaurar: perdi os vossos medos e complexos já multisseculares de colonizados, e acreditai que os portugueses que descobrem que o galego e o português são a mesma língua, mal grado a aparência em contrário, são vossos amigos, estão prontos a ajudar-vos, mas não se deixarão nunca colonizar nem por espanhóis, nem por galegos que lhes queiram roubar o nome a língua e impór-lhes, sabe-se lá!, o “galhego” da vossa Xunta. Cáspitè! ♦